

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Rev. Veja

Class.: PIX-Prod Cultural

Data: maio/91

Pg.: 593

### Selva e cidade

O percurso fotográfico de Luigi Mamprin

A rmar uma retrospectiva nunca é tarefa fácil mas no caso do italiano Luigi Mamprin, 60 anos de idade e 32 de Brasil, ela se tornou quase impossível, já que muito de seu trabalho se perdeu nos arquivos de revistas e jornais que não existem mais. Assim, Mamprin concentrou essa exposição "De Veneza ao Xingu" (Galeria Quadro, Rio de Janeiro) em fotos dos últimos quinze anos em que trabalhou em diversas revistas da Editora Abril — *Realidade*, *Quatro Rodas* e, atualmente, *Claudia*. Nascido em Veneza, onde começou como laboratorista, antes da II Guerra Mundial,

Mamprin participou de praticamente todos os grandes eventos do jornalismo brasileiro, como o lançamento da *Última Hora*, no início dos anos 50, o relançamento da revista *Mundo Ilustrado*, em 1956, a reforma do *Jornal do Brasil*, em 1961, e a experiência de *Realidade*, a partir de 1965.



Luigi Mamprin

Amigo há trinta anos dos irmãos Cláudio e Orlando Villas Boas, ele se interessou logo pelos índios, com os quais desenvolveu longa e contínua amizade, alicerçada nas sucessivas expedições de pacificação de que participou. "A cada dois meses, baixam três ou quatro lá em casa", relata Mamprin, descrevendo as peripécias para manter em lugar de destaque tacapes, cocares e flechas que ganhou em suas andanças, para não desagradar a nenhum visitante.

GUERRILHEIRO DE TITO — Recruta-



Pajé do Xingu: um quarto de século de contato contínuo com os índios

do pelo Exército fascista de Mussolini, em 1941, Mamprin estava na Iugoslávia quando os generais se renderam e fugiram, deixando a tropa a sua própria mercê. "Agora posso escolher o lado que quero", pensou. Alistou-se nos *partisans* de Tito e entrou triunfalmente em Belgrado, ao lado do futuro marechal. De volta à Itália, o desemprego campeava e, do Brasil, alguns conterrâneos prometiam: "Aqui você se emprega no dia seguinte". Dito e feito: dias depois de chegar a São Paulo, empregou-se numa loja. "Era tudo o que queríamos na época", confessa.

De família tradicional em Veneza — "esta mentira corre na nossa casa há mais de 1 000 anos", ironiza — só voltou à Itália a serviço. Da última vez, numa reportagem de *Claudia*, capturou ângulos mais intimistas da velha cidade, como a *forcola* — forquilha onde se apóiam os remos dos gondoleiros —, o *traghetto*, onde os barcos atracam, e algumas cenas que já quase desaparecem, como velhinhas a catar miçangas para colares.

As sessenta fotos expostas — além de Veneza e Xingu, há carpideiras pernambucanas, tropeiros mineiros, precisão no Piauí, figuras do dia-a-dia paulistano — foram feitas com a pequena Leicaflex, usando um dos filmes mais comuns, o de 35 milímetros, com luz natural. "O filme é mais barato, rende mais e a máquina, com o resto, cabe numa maleta que pesa no máximo 8 quilos", explica.

Sem mistérios ou vaidades, como todo grande fotógrafo, ele cresce ao registrar as coisas mais simples.

CELSO BARATA



Tarde na praça de São Marcos: a volta a Veneza, em busca do detalhe